O RECREADOR MINEIRO.

PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 1.º — 15 de Janeiro de 1845. — N. 2.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Huma observação mui simples basta para demonstrar a necessidade e a utilidade da instrucção popular, e para combater victoriosamente, e reduzir ao silencio os antigos e defensores da ignorancia do povo. O homem não é ligado a deveres e obrigações se não porque é hum ser moral; e não é ser moral, se não é intelligente. Os deveres do homem nascem e morrem com a sua intelligencia. O menino no berço não tem deveres: o insensato tambem os não tem: nem o bruto. Se o homem perde o uso da razão, os seus deveres cessão ou ficão no entretanto suspensos; e só renascem quando elle recobra o seu juizo e a sua intelligencia. Para que o homem, porem, comeÇa a possa cumprir os seus deveres requer se hum certo grão de cultura em suas faculdades. Sem isso mesmo elle poderá bem governar a sua casa, nem educar convenientemente os seus filhos nem dar prudentes regulamentos e conselhos á sua familia nem prestar aos seus semelhantes os serviços que delle devem esperar, nem, finalmente, render verdadeira, razoavel, e digna homenagem ao seu Creador. Commette pois, hum perigoso erro, direi mais, commette hum grande crime quem se oppoem a esta, tão necessaria, e tão facil cultura. Convem antes aconselha-la, promove-la, favorece-la; convem trabalhar incessantemente na instrucção de todos os homens, sem excepção alguma, derramar a luz dos conhecimentos uteis, de maneira que a sua benefica influencia chegue a todas as classes da sociedade. Mas não nos enganemos, confundindo as idéas que estas palavras exprimem. Quando desejamos, por exemplo, que os homens destinados para o exercicio da lavoura, para as artes fabris, para os varios misteres da sociedade, saibão ler, não queremos que elles se habilitem para ler muitos livros, para gastar nisto a vida, para virem a ser grandes letrados: não pretendemos encher o mundo de sabios e eruditos. Cumpre ter idéias mais justas da instrucção que recebemos, e dos resultados que della pretendemos obter. O nosso fim é tão sómente que cada individuo tenha os meios de empregar com maior proveito seu e da Sociedade, as faculdades que Deos lhe concedeo; que tenha os recursos de que póde precisar em qualquer situação, em que a Providencia haja de o collocar. Os meninos pobres que frequentão as escolas elementares, tirão, desde logo a grande utilidade

se livrar-se da ociosidade, da distração e dissipação do espirito, dos perigos de huma vida vaga e descuidada da inclinação ao jogo e aos folguedos tumultuosos daquella idade. Ao mesmo tempo vão contrahindo o habito da applicação, da ordem da obediencia, do amor do trabalho da piedade da reciproca affeição de uns para com outros, etc. Alem disso, a simples instrucção de ler escrever, e contar desenvolve, pouco ou muito, nos meninos as suas faculdades, e lhes dá hum certo grão de cultura moral. Os homens que tem aprendido aquellas artes ainda quando em toda a sua vida não abrão hum só livro, sempre serão mais intelligentes mais doceis e mais rasoaveis, e consequentemente melhores e mais habeis officiaes de seus officios do que aquelles cujas faculdades se tem conservado como entorpecidas no meio da grosseira e estupida ignorancia. Ultimamente, se alguns destes meninos pobres sahirem das escolas com huma grande e bem determinada propensão para os livros e para os estudos, o que, certamente, se não verificará na maior parte, nem por isso a Sociedade perderá. Muitos homens se tem collocado por este modo em huma ordem superior á sua primeira condição, e tem feito relevantes serviços ás sciencias, ás artes aos estados e á humanidade. Quanto mais que ha livros cuja leitura é sempre boa e util, e talvez necessaria em qualquer situação ou estado do homem. Os meninos que frequentão as escolas, aprendendo bem o seu cathecismo, dão o primeiro passo para o amor da religião: depois de grandes lerão com gosto e utilidade as obras elementares e populares, que tratão de seus officios, artes e misteres. O habito desta leitura influe pouco a pouco nos costumes, e é hum dos meios de evitar os vicios, que acompanhão a ociosidade. Taes são os resultados da primeira instrucção.

Temos visto pessoas alias sensatas, recear e reprovar a propagação do ensino popular por hum bem estranho motivo. -- Dai educação (dizem ellas) ao filho de hum artifice de hum agricultor: elle deixará logo a profissão de seu pai. Quando a instrucção se fizer commum, ninguem quererá exercer officios humildes e laboriosos.—Parece, em verdade, incrivel que haja homens tão pouco reflexivos ou tão preoccupados que dêm peso a tão inutil objecção. Se hum homem rico (por exemplo) chamar a sua casa o filho do seu feitor, ou de hum official pobre, o mandar educar com seus proprios filhos, o fizer trajar vestidos ricos e preciosos lhe fizer aprender as linguas cultas, e as artes de luxo, natural parece, que o menino venha por tempo a desdenhar o estado, a vida, o officio de seu pai; que lhe seja penoso e repugnante lançar mão á enchada; que se não julgue igual, mas superior, aos seus visinhos, e até que venha a desejar e a pretender empregos elevados. Mas se aquelle homem rico tiver huma generosidade mais illustrada; se, em lugar de dar ao menino pobre huma educação brilhante, mas perigosa, estabelecer na sua Aldea huma escola elementar, a que possão concorrer todos os meninos pobres, e aonde se não ensinem estudos alguns superfluos; por certo que todos os meninos que a frequentarem, receberão ahi principios religiosos,

ideas e maximas moraes, regras de bons e virtuosos costumes, todos aprenderão a ler, escrever e contar: todos saberão bem o seu cathecismo, e respeitarão as obrigações religiosas, civis e domesticas: nada os excitará a abandonar, e ainda menos a desprezar o officio de seus paes; nada concorrerá para alterar essa igualdade, que se deseja conservada: emfim não haverá na Aldea se não huma unica differença, que os seus habitantes serão mais intelligentes, e menos ociosos: que terão mais juizo, e mais probidade: que valerão, consequentemente, um pouco mais do que dantes.

Da vingança.

Toda a vingança particular, é privada é usurpação do poder, e da justiça publica. Despresaõ nobres animos as injurias de sujeito vulgares. Naõ fez Achilles caso das calumnias de Thersites; Philippe de Macedonia, e Cesar forão insensiveis aos tiros da maledicencia. Zombou a Aguia de Esopo da peça, que lhe fez o rato; pareceo-lhe indigno da sua ira bicho nojento. O vingar-se naõ he restaurar o credito, he confirmar-se desacreditado. Com feridas atheianao se curão as proprias; com sangue não se esmaltão injurias. Enfurecer-se aos desacatos de hum furioso he fazer-se espelho da sua furia; rebater calumnias he fazer-se echo de aggravos. Se a cada bateria de ondas respondêra o penhasco com huma pedra, brevemente se destruiria o penhasco. Anhelar vinganças, he ter aberta e fresca huma ferida, que olvidada se cicatrisaria. Injurias lembradas, perpetuão-se, porque se fasem hereditarias; não as consome o tempo, e enterradas renascem, similhantes aos rios, que depois de correr debaixo da terra, tornão a innundar os campos. Os que com mostras de amisade disfarção o desejo de se vingar são como a nuvem que vio Ezequiel; era ella cercada de hum circulo de ouro, mas trazia dentro em si raios e tormentas. A mais nobre vingança é mostrar o offendido que se pode vingar do offensor; o naõ vingar-se, he mostrar que naõ sentio a offensa; e naõ senti-la, he prova de animo invulneravel.

O ROMANCE.

O romance, considerado como futilidade por algumas pessoas graves, mas cuja falta de bom gosto por isso mesmo se denuncia é entretanto o resumo fiel dos habitos e costumes de huma nação. Quantas vezes o filosopho imparcial embalde busca a verdade na historia, e vai encontra-la no romance? Mil vezes o historiador traça a seu geito os factos, da-lhe outra apparencia, orna-os de outras molduras; emquanto que o romancista, parecendo entregue todo á imaginação, descreve fielmente os costumes da época, e apresenta em seus quadros as virtudes e vicios do seu tempo e povo; e deleitando, mais propende á verdade do que á chamada historia. A historia com todos os fumos de antiga aristocracia, apenas demora suas vistas soberanas sobre altos casos, os reis, suas victorias desastres e politica: o romance, menos altivo, democrata moderno, compraz-se com pouca [illegible]sas, abraça a multidão, identifica-se com o povo, e modesto segue a indole e caracter nacional. No momento o romance não parece interessar mais que offerecendo sob véo diaphano e allegorico a pintura dos homens e das cousas. Esta pintura porem he de muita preciosidade para o conhecedor que a sabe aproveitar: o observador que attente com cuidado os romances dos diversos povos e edades, tirará muitas vantagens para o conhecimento dos costumes, e alcançará o fio que lhe servirá de guia no

intrincado labirintho do coração humano.

Outra vantagem tambem vê-se no romance; e é o desenvolvimento progressivo dos conhecimentos seguidos e annotados na sua historia; por isso, que cada hum romance, sendo o representante das idéas que dominão o paiz, e trazendo o cunho do seculo em que foi composto, descobrirá dest'arte qual a marcha que em sua viagem tem feito certas crenças, quaes os paizes em que forão adoptadas ou repellidas, e quaes aquelles emfim em que ficarão naturalisadas. Pela alluvião de fabulas que a cada passo encontramos nos povos e de que se achão recheados os romances, convence-se facilmente do ascendente que o maravilhoso tem em todos os tempos exercido sobre os corações humanos, que, abraçando o falso endeosando os idolos, parecem áquelle despresar a verdade e a exactidão.

A satira tem em todos os tempos se estendido, desde o tugurio do pobre até o palacio do monarcha; o templo e a taberna não escapão a seus dominios. Sempre houve, ha e hade haver, vicios a combater, asneiras de que zombar e exessos a reprimir: pelo romance com facilidade se descobre o gráo maior ou menor de liberdade de que gosa o paiz; pois que o escriptor, tomando sempre medidas para descarregar sem perigo os golpes de que está armado, pelo claro-escuro que deixa nos quadros, e pela escolha das tintas denunciado fica o grao de civilisação e liberdade do paiz, e a que peias ligarão o autor.

O historiographo, todo occupado com reis mortos, incendios e batalhas, apenas tempo tem de marcar-nos algumas datas para certos acontecimentos politicos, em quanto que o romancista encarando menos vezes o senhor, e lidando sempre com o subdito, assemelhando-se melhor da fisionomia da nação, entranhando-se mais profundamente em suas querellas, lança melhor luz sobre a materia, e dest'arte nos mostra claramente o que se passa no tempo. Assim suas pinturas são mais vivas, suas relações mais esmiunçadas e verdadeiras, seus traços mais animados, e suas producções respirão actividade, força e vida; este estuda o homem em sua fisiologia e garboso no-lo mostra em acção: aquelle porem enfadonho e monotono, sob honorifico nome de historia, apresenta-nos sem graça hum esqueleto, cujos ossos truncados, ligados á vontade, offerecem as saliencias que o autor quiz e não as marcas da inserção dos musculos, trajecto de vasos, e outras que verdadeiras são e realmente existem.

Finalmente o amor, esse sentimento universal, tão variado em seu principio e effeito, como vasta a multidão que em seus fogos arde, reproduz-se á cada momento, e debaixo de mil formas nessas obras que nos enlevão e arrebatão.

Oh! quanto é sublime o romance, descrevendo a mais bella e a mais horrivel das paixões! Oh! como elle sabe esquadrinhar o coração humano, e tocar a seu praser a fibra da sensibilidade, do horror, do praser ou do respeito!....

Por hum outro lado ainda o romance é de interesse ao filosopho: é quando em sua imaginação ardente, borbulhando de idéas de amor do seu paiz o autor traça hum plano de educação, formúla as normas a seguir na lei, e coordena hum systema de felicidade publica e nacional. Divino pensamento! Sonho consolador que faz entrever hum futuro mais brilhante! Enganno, que deleitando o espirito, nos embala o coração! Quanto o teu acordar he doloroso! O sabio se revê a cada pagina em tua obra; nella encontra suas idéas, suas luzes, e razão, o fraco encontra forças, e o timido confiança; todos respirão um ar novo e salubre, percorrendo estes escriptos; conhecemos

que não passa de mera fantasia mas apraz-nos sua leitura, e como que nos sentimos mais ditosos e dispostos a pacientes seguir a dura carreira da vida; chegamos mesmo a pensar que os nossos filhos poderão vir em parte a gosar das venturas que nos são ahi apresentadas. Honra aos genios; gloria aos seculos, que os produzem! Se, terminado, fosse-nos licito expor nossa opinião, francamente diriamos que pouca conta merece hum autor cuja mocidade não produsio hum romance: esta falta denuncía pobresa de imaginação, e huma especie de esterilidade, a que se poderia chamar seccura de pensamento e triesa d'alma; porque para fazer sofrivelmente hum romance, mister se faz talento, estudo das paixões humanas, e, se me permittem a expressão, *espirito e commercio com as cirtas*. Maos prosadores poetas de agoa doce, amontoão palavras e vão-se impando com ellas... Não é disso que eu fallo: Deos nos livre de perder com elles o tempo

FOLHETIM.

MUITO TARDE.

I.

Algumas tochas accesas projectavão a sua pallida claridade sobre a abobada denegrida da capella do castello de Coetvagen; hum padre officiava e impunha as mãos sobre as cabeças inclinadas de dous jovens que elle acabava de unir. A rapariga estava por extremo desoorada, e seus bellos olhos fitos no altar se cobriaõ de lagrimas, que debalde procurava conter. Depois de haver proferido com voz quasi inintelligivel, o fatal *sim*, sua cabeça se tinha abaixado, e ella permanecêra immovel, abysmada em profunda dôr. Essa rapariga era Elisa de Coetvagen, a mais nobre donzella de toda a Bretanha, a mais bella e a mais admirada de toda a provincia.

O mancebo que estava de joelhos ao lado d'ella ousava apenas erguer os olhos para a companheira que hum singular destino acabava de lhe dar. Sua mão tremula pegava fracamente nos delicados dedos de Elisa; sua physionomia, de ordinario franca e alegre, estava então sombreada por vago desassocego e por huma especie de irresolução. Suas feições eraõ regulares e bellas, seu olhar cheio de doçura e de expressão: elle tinha vinte annos, e no entanto Elisa chorava. O noivo era Thiago, Thiago o filho do rendeiro do castello.

Assim os grandes acontecimentos reagem sobre as pequenas cousas: a França, deslumbrada pelo brilho de huma nova luz, via confundirem-se todas as ordens, cada parcella unir-se para formar huma massa compacta, huma só e unica familia. O conde de Coetvagen, alguns mezes antes da extravagante alliança que acabava de ser contrahida, tinha visto serem-lhe suas immensas riquezas arrebatadas pela onda espumante da revolução. O nivel havia passado sobre todas essas fortunas, engrossadas a maior parte d'ellas á custa do povo; o ouro tinha remontado á sua fonte, e, como o haviaõ dito as Sagradas Escripturas, os ultimos se tinhaõ tornado os primeiros. O pai de Thiago, rendeiro do conde, tinha comprado todos os bens de seu amo; e, n'essas horas de incommodidade e de inquietação que forçavaõ a castigar o innocente, com receio de que escapasse o culpado, tinha salvado a vida do conde. O digno servidor não quiz ser meio generoso; veio offerecer-lhe toda a sua fortuna, e não lhe pedio em troca senão que casasse sua filha com o mais valente rapaz da comarca, com seu filho. O conde não tinha hesitado tinha preferido a fortuna ao orgulho do nome, ordenando a Elisa que acceitasse, piedosa e resignada, o esposo que lhe deparava o ceo: antes da ceremonia, porêm, elle havia coberto com hum crepe negro os retratos de seus maiores; receára vêl-os alevantar-se ante elle, para lhe expro-

lutava o *aviltamento* de sua raça.

Huma hora depois da benção subpei a'. tudo estava silencioso no castello de Coetvagen. As luzes tinhaõ-se apagado, huma unica brilhava ainda nas janellas de Elisa: ella estava sentada, immovel, com as mãos postas sobre seus joelhos, e lagrimas abrasadoras lhe corriaõ len tamente pelas desbotadas faces. Thiago entrou.

Deteve-se a alguns passos d'ella; contemplava-a com indizivel mistura de amor, de respeito e de receio.

— Vós chorais! ... disse elle, com voz que a commoção tornava tremula.

Elisa, absorta em sua dôr, naõ tinha dado fé de sua presença, sua voz a fez estremecer: ella enxugou suas lagrimas, e todas as suas feições tomaraõ a expressão de serena e digna resignaçaõ.

— Vós chorais! vós! tornou Thiago, quando eu teria dado minha vida para poupar vos hum pezar! Oh! sim, eu concebo, senhora; não era este o casamento que havieis sonhado... não era Thiago que houvereis escolhido, se tivesseis sido livre.

— Senhor, disse Elisa com voz fraca, eu obedeço, e nunca me ouvireis huma queixa, huma arguição...

— Não, porêm padecereis .. e é isso o que eu não quero... padecer! vós, tão bella, tão bôa!... mas póde ser que vos habitueis! . Eu hei de servos tão dedicado, tão submisso!.. Desviais os olhos?... oh! meu Deos, que idéa! se esta desgraçada união tivesse destruido huma felicidade que aguardaveis.... se... vós já amaveis...

— Senhor....

— Ah! he verdade.... perdão, não tenho direito de perguntar-vos isso.... e no entanto, com huma palavra poderieis restituir-me a coragem e a esperança... porquanto ha immenso tempo que eu vos admiro.... que.... vos amo...! Sim, senhora, que esta palavra vos não offenda; hoje atrevo-me a tudo dizer-vos, á manhãa talvez já o não poderei.... Sim, desde muito tempo eu vos amo; via-vos em meus sonhos, velar sobre mim como o meu anjo de guarda; quando vos encontrava, houvera querido poder ajoelhar-me ante vós, seguia-vos muito tempo com os olhos; muito tempo depois que havieis desapparecido, eu ainda vos via, e cem vezes amaldiçoei a classe em que nasci, a semi-educação que recebi, e que, aproximando-me talvez de vós pela alma, não servia senão para me fazer melhor comprehender a distancia que havia de vós a mim!.... Algumas vezes, não he assim? ao sahirdes do castello achaveis-me sentado debaixo do castanheiro d'onde se podem avistar vossas janellas; eu estava lá, eu chorava.... e vós, vós passaveis serena e bella, muitas vezes sem me vêrdes: ás vezes tambem, deixaveis cahir hum olhar sobre Thiago, dirigieis-lhe huma palavra cheia de doçura e de bondade, que lhe dava felicidade por muito tempo: quão feliz era eu então! que bellos castellos edificava no ar! Sonhei muitas vezes que morreria por vós; porem nunca ousei imaginar, que serieis... minha mulher!

Elisa estava commovida: nunca tinha ella ouvido esta linguagem tão simples, tão verdadeira; e, apezar de seu orgulho, apezar dos velhos preconceitos que a havião embalado, deixou se captivar por essa eloquencia do coração, sempre tão poderosa sobre as mulheres: ella escutava, e sua alma se abria a sentimentos novos para ella.

— Eu era bem tôlo então, proseguiu Thiago tristemente Vós não podieis amar-me é muito simples: eu bem sabia que era affamado no cantão como o mais esforçado e o mais valeroso; bem sabia que, quando dançavamos debaixo dos olmeiros de vosso castello, não havia rapariga que se não sentisse orgulhosa de dançar commigo.... porêm vós! oh! isso e muito differente.. eu vos amo; mas não devo dizer-vol-o: eu

saberia bem defender a mulher que me pedisse a minha protecção; sómente não saberia servir-me das espadas de cópos de ouro dos vossos grandes fidalgos: d'ellas não precisei quando quizerão assaltar o castello; meu punho era mais seguro e mais prompto. Ainda n'essa occasião eu fui bem feliz; arriscava minha cabeça, porém salva-vos.

Leve movimento escapou a Elisa, e Thiago tornou vivamente.

— Perdão, perdão, senhora, estou vos entretendo de cousas que pouco vos interessão. Vós não levaricis em conta o meu amor tão verdadeiro, tão profundo, mas que não saberia adoptar as fórmas que se empregão nas grandes sociedades..... não necessitais de meu braço, porque ninguem se atreverá a atacar-vos..... e demais, não seria a mim que haveis de pedir auxilio e protecção..... Não poderieis ser feliz comigo, não he assim?..... Pois bem!.. nada de feito..... Thiago não quizera causar-vos huma lagrima, huma pezar.. partirei.

— Que dizeis?

— Bem, vêdes, senhora, para nos guiarmos na vida, nós, os homens do povo, temos nosso coração e nossa consciencia; isso nos basta. A minha felicidade he pouca cousa; a vossa; eis tudo quanto quero..... A França tem necessidade de cada hum de seus filhos; vou servi la... ella não me hade perguntar se sou nobre, para me amar, sou hum de seus filhos. Vós, senhora, pensai algumas vezes em mim, pensai no sacrificio que vos faço..... e lastimai me..... Se ouvirdes fallar de alguma bella acção que eu tiver feito, dizei então comvosco que foi a vossa lembrança que me engrandeceu, que me deu coragem, e que, depois do meu paiz, seria por vós que eu quizera dar minha vida.

— Senhor, responden Elisa, cada vez mais perturbada, e cujo rubor patenteava talvez mais do que resignação, este sacrificio que me quereis fazer..... eu não o exigia... estes bens que me haveis restituido vos pertencem..... e o dinheiro que vos da nossa união.....

Mas direis!..... não os tenho, a menos que não sejais vós..... vós sómente que me ordeneis que d'elles me sirva..

Elisa, tremula, abaixou os olhos e guardou silencio; Thiago não a comprehendeu e continuou tristemente:

— Se algum dia tiverdes precisão de mim, basta-vos dizer huma palavra, e eu me acharei junto de vós..... E depois queria ainda dizer-vos que, se acontecer que eu seja morto na guerra, isso é possivel o nosso contracto de casamento vos assegura toda a minha fortuna.

— Oh! senhor!

— Sim.. sim.. tendes a alma nobre, não quereis contar com a minha morte..... Obrigado, obrigado, pois que tudo o que eu queria pedir vos era que não praguejasseis a memoria de meu nome.

Thiago pronunciou estas ultimas palavras com voz suffocada, e retirou-se precipitadamente. Elisa vendo-o partir, poz a mão sobre seu coração: ella ainda estava chorando, não mais a sua liberdade perdida, porêm o amor de Thiago.

2.

Oito annos depois, o velho conde de Coetvagen tinha morrido; a campa se tinha tambem fechado sobre os restos do pai de Thiago, e a bella Elisa de Coetvagen habitava sózinha seu velho e triste castello da Bretanha. Tudo, n'essa silenciosa morada, inspirava profunda tristeza: as arvores seculares do parco se elevavão seculares e mudas, como para testificarem seu antigo esplendor agora extincto e olvidado; parecia que a vida se tinha ausentado d'esse vasto recinto, e que elle não devia mais abrigar felicidade alguma.

Elisa já não é mais a timida donzella que vimos tremer em presença de

Thiago; era a dama nobre, grave e austera, menos engraçada, menos encantadora, porêm mais bella: a pallidez quadrava bem com suas feições regulares; unicamente seu olhar trazia o cunho de profunda melancolia, e seus labios deixavão raras vezes escapar hum sorriso. Seu coração se tinha atormentado em longa indifferença. Desde muito tempo a lembrança de Thiago, mui fracamente gravada se tinha apagado. Ella não havia admittido á sua intimidade senão alguns visinhos cujos austeros costumes e idade repellião qualquer maligna supposição; tinha recusado apparecer na nova côrte; na falta de amor, occupava se da politica.

Hum dia, estava ella sentada á sua secretária: hum homem de huns cincoenta annos estava a algums passos d'ella; sua estatura era elevada, seus olhos vivos e penetrantes, seu fallar laconico e incisivo: era o senhor de Massol, hum d'esses homens ousados, alfoitos, grandes agitadores, que sobrevivem a todas as revoluções, que a onda embala e não póde tragar.

Elisa tinha huma penna entre seus dedos, de repente largou-a.

— Não, disse ella, não heide faz i isso, senhor de Massol.

— Porque? tornou elle, com hum tom insinuante e lisongeiro que lhe era familiar; que é iancice! Thiago está a huma legua de vós, dentro de duas horas póde estar aqui: querendo vós, elle é nosso. Lembrai-vos pois, senhora, que Thiago soube, tanto por seu valor como por seu bello character, grangear numerosos amigos. Tomei informações; elle é igualmente amado por seus camaradas e por seus superiores. E' grande sua influencia sobre o espirito do soldado: viram-o sempre tão ardente, tão valeroso; o favor de Bonaparte o eleva ainda: e demais, elle sahiu de suas fileiras... Assim, senhora, alliciai o, e aneta de do exercito servirá nossos projectos. Não ha que vacillar.

— Mas, senhor, se elle fôsse acreditar que eu o amo.... que....

— E ainda assim, que importa? não é elle vosso marido? não podeis vós fazer esse sacrificio á vossa causa? Dissestes me que elle vos amava: pois bem, senhora, hum homem amoroso está meio vencido, vós sereis omnipotente.

— Sim.... elle me amava, tornou Elisa hum tanto pensativa: era hum bello e leal mancebo. Em verdade, custou-me muitas veres a conceber como gente de nada podia ter essa delicadeza de sentimentos.

— Vamos, disse o senhor de Massol, com com levian o e escarnecedor, nossa causa está ganha. Agora não ha de ser huma comedia que representareis, e ides adorar vosso marido.

— Oh! senhor....

Havia, n'esta exclamação, todo o espanto que póde causar huma supposição inaudita, todo o orgulho que se revolta com o unico pensamento de que numa mulher nobre podesse acceitar o amor de Thiago.

— Em que consistiria o mal? tornou o senhor de Massol: vamos, não falemos mais n'isso, o assumpto vos desagrada, porêm ao menos cedei a nossos rogos: vós, tão ardente em prol de nossa bella causa, não refusareis servil a, quando tendes posses para o fazer; escrevei lhe.

Mas se seu caracter he tão nobre como se diz, pensais vós que elle queira nunca abandonar Bonaparte, que, primeiro consul, imperador, sempre se lembrou d'elle? que o elevou, que lhe deu seus habitos, seus restos!.... Thiago não o ha de atraiçoar.

— Oh! meu Deos senhora, são precisamente aquelles que tudo devem a Bonaparte que o hão de ferir no coração; está na ordem. Qual he o homem, além d'isso, que não seja guiado pelo interesse pessoal? Fazei entrever a Thiago que, de uma maneira ou

de outra, o imperador hade cahir; mostrai-lhe o povo, cançado de combates, cançado de fornecer homens e dinheiro, murmurando surdamente: a queda é inevitavel; prometter-lhe todas as honras, todos os beneficios do resultado, se elle adiantar a ruina prevista. Se não ajudar, nada hade obter. Essa gente, bem vêdes, compra-se com hum titulo; lança-se hum pouco de incenso á sua louca vaidade, comtanto que se lhe prove depois que Scapin nada ganha em cobrir-se com o capote de seu amo.

— Mas emfim, se elle me recusar, ter-me-hei comprometido sem d'ahi tirar nenhum proveito.

— Não vos hade recusar. Ora considerai, vós, a condessa de Coetvagen, descendo até Thiago, prometendo-lhe vosso amor em troca de sua dedicação! O desgraçado ficara deslumbrado cahirá fóra de si a vossos pés.... Escrevei, escrevei, senhora, eu respondo pelo successo; sacrificai-vos: o amor de hum vilão pode ainda ser bom para alguma cousa.

Elisa escreveu.

Mas logo que partiu a carta, logo que ella se achou só com seus pensamentos, sentiu-se vivamente commovida; recordava-se da generosa renuncia que Thiago fizéra de seus direitos, quando podia tão facilmente vingar-se dos desdens que tão frequentes vezes o havião magoado. Recordava-se de suas palavras simplices, de seu amor profundo e submisso, que nada havia querido da obediencia, e que se tinha cohibido e resignado quando podia obrar como senhor. Elisa tinha ainda bastante lealdade no coração para se envergonhar do pensamento de enganar esse homem; havia tambem no fundo de sua alma muito orgulho aristocratico para que ella consentisse em aproximal-o de si e entornar-se sua companheira. Duas horas decorrerão para ella em huma perturbação, em huma magoa que ella houvera querido por tudo no mundo, poder fazer cessar.

Emfim o galope de dous cavallos retumbou sobre os largos lagedos do paço; hum official atirou com as redeas de seu cavallo nas mãos de seu criado, disse que o levassem á presença da condessa: era Thiago.

Seu coração palpitava com violencia ao entrar no aposento de sua mulher. Depois de oito annos de ausencia, elle ia tornar a vêl a, era ella quem o chamava, e sua carta era assaz positiva para não deixar duvida alguma á respeito da felicidade que o aguardava: era para morrer de alegria.

Quando elle entrou, Elisa se levantou interdicta e perturbada: ella tinha julgado que lha ver alguma cousa mais mal amanhada do que Thiago o camponez; tinha esperado encontrar, não sómente o acanhamento e os gestos asperos e desairosos do homem que a educação não polio, senão ainda a rudeza do soldado da fortuna, que trata a vida privada como o inimigo, a golpes de espada. Ficou por conseguinte singularmente surprehendida. Thiago, correndo de victoria em victoria havia conquistado cousa melhor que as dragonas; como tantos outros, tinha-se civilisado: seu olhar nada havia perdido de sua doçura, porem elle tinha adquirido essa nobre confiança que grangêão huma consciencia pura, e huma legitima estima de si mesmo. Cada acção brilhante lhe havia valido hum posto, cada posto o havia introduzido em nova sociedade, e, desenvolvendo-se sua intelligencia ao mesmo tempo que o circulo se lhe alargava, elle tinha facilmente tomado as maneiras e a elegancia da companhia escolhida em que entrava. Seu espirito, justo apreciador de todas as cousas, se tinha facilmente revestido das mais brilhantes formas; seu coração porem havia permanecido puro e o bafo das paixões tinha passado sem tocal-o. Thiago, coronel de hum dos mais bellos esqua-

dições de cavallaria dessa época, era hum dos mais bonitos homens do exercito: seu andar era desembaraçado e elegante sua fronte larga e candida, seu surriso espirituoso e agradavel. Alguns minutos de exame forão sufficientes paraque Elisa fizesse todas estas observações; depois seus olhos se abaixarão, e talvez n'esse momento, no intimo de sua alma, fez ella o voto de ser ainda amada.

— Mandastes que eu viesse senhora, disse Thiago, assentando-se a alguns passos d'ella, e eu vol-lo agradeço... Sem vossa ordem, nunca me teria atrevido a vir perturbar a vossa solidão.

— Não era huma ordem, senhor disse Elisa em meia voz era huma rogativa.

— Que importa a palavra? tornou Thiago, surrindo-se; entretanto eu preferiria a outra: ordenar é tomar hum direito.... é talvez dar.

Elisa estava visivelmente commovida e erguendo seus bellos olhos disse com voz tremula:

— Não terei rasão de queixar-me de vós senhor? desde oito dias achais-vos a huma legua de vosso castello.... e de mim.... e, sob hum vão pretexto de discrição, não tendes vindo...

— Este castello he vosso, nada d'elle quero pretender; e quanto a vós, senhora.. nada me dizia que minha visita vos não seria pelo menos importuna... nada me dizia que havieis conservado a lembrança de meu nome, senão para vos queixardes das circunstancias fataes que vos havião encadeado a mim.... a vosso pezar.

— Oh! estais enganado, senhor! As circunstancias mudarão.. e vós devieis talvez pensar que, vindo buscar junto de mim hum descanço tão necessario depois de tão nobres trabalhos.. que a felicidade não houvera sido para vós sómente.

— Que dizeis, senhora? oh! attentai ao sentido que encerra cada huma de vossas palavras tomei cuidado de não despertar huma esperança que seria de mister perder!... Sêde generosa, senhora; eu tenho sido tão infeliz! não me mosticis a felicidade, se mia não quereis dar.

Elle se aproximou: seu olhar cheio de amor reposou sobre ella; elle tomou entre suas mãos a mão tremula de Elisa que a não procurara retirar.

— Ha pois presentimentos de felicidade que não illudem! proseguio elle com emoção, Vós vos calais? Que premio reservais a meu amor tão sincero tão submisso? Soubestes acaso tudo quanto tenho padecido ha oito annos? Acreditastes que nunca a vossa imagem se apartára de minha mente que se collocára sempre entre mim e a morte para occultar-me seus horrores? Comprehendestes tudo o que havia de doloroso em meu isolamento? Dissestes algumas veses comvosco: „ Pobre Thiago! sempre só, sem amor sem felicidade!... Na vespera de huma batalha, lança para traz de si hum olhar desesperado, porque sabe que não deixou ninguem que o siga com o pensamento; porque sabe que, se huma bala inimiga vem feril-o, nenhuma mulher virá procura-lo por entre mil moribundos e carpir sobre seu tumulo. „ E no entanto, as lagrimas de huma amiga são doces e preciosas!.

Elisa desviou os olhos; estavão arrasados de lagrimas.

— Acaso pensastes tudo isso? Quereis vós dar-me essa amiga que eu espero ha tanto tempo? consentireis em realisar meus sonhos?... Sêde minha irmãa, meu anjo da guarda; hum pouco de amor em recompensa de todo o amor que vos tenho consagrado! hum pouco de felicidade em premio de tantas lagrimas! Elisa

— Thiago, pensais vós que eu não tenha padecido cruelmente? Sósinha tambem n'este mundo, pensais que eu não tenha muitas veses volvido meus olhos

Para vós, que me haveis revelado huma alma tão nobre? Muitas vezes estive n ponto de vos escrever de vos mandar vir; mas para cual o, sabía eu se ainda era amada?

Acompanhei-vos com os olhos, com o pensamento: senti-me ditosa de vossa gloria: lia commovida a narração de nossas batalhas, onde tinha certeza de encontrar vosso nome tão reverenciado, tão digno de sel-o, e ja não temo dizer-vos que eu hoje me ensoberbeceria de vos pertencer aos olhos de todos.

— Elisa, Elisa! oh! repete essas palavras; ellas apagão bastantes annos de padecimentos!... Meu coração pois te tinha bem adivinhado! Minha alma, tão violentamente agitada quando eu chegava ao pé de ti, previa a felicidade que me aguardava! Tú queres, pois ser minha, poderás amar me! .. Oh! meus trabalhos, meus pezares, minha gloria tudo esqueço por huma hora de amor!..

Thiago tinha estreitado a bella condessa em seus braços: ella mesma tinha muito soffrido, do isolamento, seu coração tinha muita necessidade de se abrir, para que ella não acceitasse com profunda commoção as palavras de amor que vinhão despertar sua alma e franquear lhe nova existencia; ao escutar a doce e armoniosa voz de Thiago, sentio-se arrebatada por huma d'essas alegrias intimas e quasi celestiaes que se não definem. Encobrindo a amargura de seus pensamentos sob a mascara da frieza e do recato, ella tinha podido occultar suas lagrimas e não estancal as; por isso a felicidade a achou reccosa e desconfiada. Entretanto seu corpo flexivel e delicado cedia ao amplexo apaixonado de seu marido; sua bella cabeça se inclinava para elle, quando seus olhos se fixarão sobre huma avalanche que avançava de sua sacada. Ella estremeceu: acabava de ver passar o senhor de Massol; sua vista lhe recordou a promessa que fizéra e o dever que jurára cumprir. Procurando triumphar de si mesma foi se suavemente desembaraçando dos braços de Thiago, e, alçando sua linda mão como huma muralha entre elles dous:

— Escutai-me, Thiago, disse ella; este amor esta felicidade ... cumpre merecel-os.. cumpre que me deis huma prova de vossa dedicação.

— Oh! falla falla! seja o que fôr que me ordenes, estou prompto.

— Thiago vós amais o vosso paiz; assim como eu, vós deveis soffrer de vêl o debaixo da virga ferrea de hum usurpador, que fascina o povo com sua gloria e não faz nada para sua felicidade.. He de mister, para que a França seja feliz e tranquilla, que seus legitimos reis sejão repostos sobre o throno. Homens dedicados e animosos trabalhão no silencio para essa obra sublime. Pois bem... he mister que abandoneis o vosso partido para servirdes a nossa sacrosanta causa. A gratidão do paiz será vossa recompensa, meu amor o premio de vosso sacrificio. Tendes grande influencia no exercito, despertai o zelo que apenas está adormecido, pronunciai o nome de nossos principes desterrados: bastará huma palavra para reanimar o amor que se estinguio: e depois, Thiago, coberto das mercês de nosso rei do unico, que o paiz deve reconhecer - voltai para junto de mim, vinde pedir ao amor a felicidade que tiverdes sabido merecer.

Thiago tinhasse tornado por extremo pallido; sua mão havia largado a mão de Elisa, e elle proferio com voz suffocada:

— Assim .... vosso amor será o premio de huma vileza.... he a minha deshonra que quereis!... eu estava doido!

Elle passou a mão por sua testa, levantou-se arrebatadamente e deu alguns passos no salão.

— Thiago! murmurou Elisa, com essa voz carinhosa que tanto poderio

devia ter sobre a alma do homem que a adorava.

Elle parou defronte d'ella.

— Senhora, quando me desprezaveis, a França, minha mãi me estendia os braços. Combati por ella, e ella me encheo de seus beneficios. Soldado de Napoleão eu vejo a minha patria feliz debaixo de seu jugo, crescer, elevar-se e dominar a Europa inteira! e quereis que eu os atraiçôe a ambos; a França e Napoleão! .... e dizeis que haveis de amar o homem que tiver trahido seus juramentos, seu paiz, que tiver faltado á honra! ... Esse papel é infame, eu o repulso!

— Assim, vosso amor, vossa dedicação, não passavão de vãs palavras. Vosso amor tão profundo recúa ante hum sacrificio! hum falso pundonor vos detem quando se trata de vossa felicidade e da minha! Oh! vós nunca me amastes!

— Elisa! ... amei-vos e ainda vos amo mais do que a Deos, mais do que amim mesmo, porem não mais do que a minha gloria; darvos-hia minha vida; se m'a pedisseis, deixar-me-hia matar por vós ... porem não posso sacrificar-vos o socego do meu paiz. Depois da França, não ha nada no mundo que me seja mais charo do que vós. Deixai-me pois servil-a e amar-vos; deixai-me, depois de lhe haver dado meu sangue consagrar-vos o resto de minha vida.. Elisa, deixai aos homens o triste cuidado de regular a sorte dos povos, não tenteis pesar seus destinos; a balança é muito pesada para tua mão. A nós pertencem os vastos trabalhos, os brados de guerra; a ti, os cantos de amor e de felicidade. Contenta-te com ser amada, não procures abalar o throno que a nação sustenta: tú não sabes o que me pedes, e que infamia queres imprimir sobre minha fronte! O favor de teus reis não me salvaria do despreso de mim proprio. O povo, esmagado sob seus grilhões os alevantaria para mim e me lançaria sua maldição e a maldição do povo mata!

Thiago fez huma pequena pausa; Elisa guardava silencio.

— Adeos, murmurou elle.

Ia retirar-se: Elisa, combatida por mil sentimentos contrarios, presa da mais violenta agitação, levantou-se vivamente.

— Thiago!.., exclamou ella.

Elle voltou-se.

— Huma palavra, e eu fico ... porem, se deixar este castello lembrai-vos que me tereis visto pela ultima vez.

— Ainue, Thiago!, ainue!

— Nunca!

Thiago precipitou-se fóra do salão; Elisa cahio prostrada! .... Depois pensou que o havia perdido para sempre, que acabava de sacrificar á politica, que apenas comprehendia, a felicidade de toda a sua vida. Quiz tornar a chamal-o; porem o estrepido dos cavallos que se afastavão com rapidez lhe arrancou hum grito de dôr: tudo entre elles estava acabado.

3.

Alguns annos mais tarde, a revolução, á qual Thiago havia denegado seu apoio, veio a effectuar-se. Estava-se ao fim desse funesto dia que viu desmoronar-se o imperio: a estrella da França se tinha eclipsado; nossos estandartes cahião despedaçados sob a mão da fatalidade: os campos de Waterloo estavão ensopados de sangue francez. Quando toda a esperança foi perdida, quando os fieis amigos do imperador leram sua sentença no olhar sombrio do grande homem que a tormenta envergava sem poder quebral-o, hum de entre elles, trajando dragonas de general, arrojou-se em meio das mais densas phalanges inimigas sobre a morte. Nasceu com nossa gloria, com ella devia morrer. Hum tiro de obuz veio fe-

ri-lo no peito: suas mãos abandonárão as redeas de seu cavallo, seus olhos se fechárão, seu corpo cahio para traz; elle só pôde murmurar: "Ah! França!.. França! .„ Era Thiago.

Quando a noite estendeu seu véo sobre os desastres que acabavão de fulminar nossa patria, huma mulher, ainda joven e bella, seguida de dous criados, veio affrontar os horrores de hum campo de batalha. Seus pés delicados escorregavão no sangue; porem ella era sustentada por huma d'essas dores profundas que parecem annicullar todas as faculdades: inclinava seu pallido rosto sobre esta scena de desolação, fazia passar o clarão vacillante de huma lanterna de furta fogo sobre todos esses cadaveres desfigurados, e os suspiros dos feridos que ella encontrava em sua marcha a deixavão fria e insensivel. De repente deo hum grito e cahio de joelhos ao pé de hum moribundo. Erguen lhe a cabeça, e, descançando-a sobre seu seio:

—Thiago! Thiago! disse ella com angustia, hoje não me hás-de repellir, receberás meus cuidados! hás-de viver para mim! para me perdoares!

Thiago abrio os olhos fitou sobre esta mulher que chorava hum olhar cheio de dó; apertou fracamente a mão que sustinha a sua...

—Eu te perdôo.. murmurou elle; a França.. já não existe... e... agora.. meu ultimo suspiro será para ti!..

Sua cabeça recahio; suas mãos estavão frias: tudo estava acabado.

A desconhecida mandou transportar o corpo daquelle por quem chorava. Achou-lhe sobre o coração algumas cartas em que havia delle implorado, para alcançar seu perdão; hum amor que tão mal pago fôra por tanto tempo. Ella tinha chegado — MUITO TARDE! !

Huma sepultura simples encerrou os restos de Thiago, só o seu nome foi gravado sobre a campa. Huma mulher ahi vinha todos os dias rezar e cobril-a com suas lagrimas, até o momento em que, debilitada pela dôr, se extinguio sobre o tumulo de seu esposo.

COMMUNICADOS.

Assucar extrahido das canas da planta que produz o milho.

Como vivemos em huma era que ha sido nimiamente fecunda em novas e importantissimas invenções e descobertas, e que do progresso da marcha do espirito humano, com o accrescimo da civilisação, novas experiencias nos vão demonstrando os diversos proveitos que poderemos tirar até dos mais communs dons da natureza cremos fazer couza grata em dar publicidade ao seguinte extracto de huma communicação que encontramos em hum periodico inglez de recente data.

„ Em huma reunião da Sociedade „ Real de Agricultura da Inglaterra, „ o Sr. H. Colman, Commissario Agri„ cultor dos Estados Unidos, apre„ sentou huma amostra de assucar „ produzido de canas de milho. O „ assucar é bom e foi exhibido no „ estado em que sahio dos taxos „ depois da evaporação das particu„ las aquosas. O Sr. Colman considera „ que este assucar se poderá obter „ em qualquer logar onde a planta „ nasce e medra. Quando ella fôr „ destinada a esta producção não se „ deixa amadurecer, nem formar „ as bonecas, e moe-se tão somente „ a cana, que se corta quasi rente „ com o chão. As folhas e as outras „ partes, assim como o bagaço serve „ para nutrição do gado e de outros „ animaes domesticos.

„ O Sr. Colman assevera que as

„ canas de milho nascidas em huma „ Geira (1) de terreno produzirão para „ cima de mil libras (31 1/4 arrobas) „ de assucar, e não duvida que se „ poderia talvez obter o dobro dessa „ quantidade em terras boas, cultivadas com cuidado. Em quanto „ ao custo, á qualidade, e á facilidade com que os Cultivadores se „ podem prover deste genero importante de economia domestica o Sr. „ Colman julga que se pode, sem duvida alguma anticipar os mais favoraveis resultados á quem se proposer aproveitar desta descoberta „

Ora, em hum paiz, como o nosso, onde a planta do milho cresce com tanta rapidez, e de que, para o fim acima descripto, se poderá mui bem obter, pelo menos, tres colheitas no anno, por que não se deve deixar amadurecer, parece que esta descoberta deve ser objecto digno da attenção de nossos Cultivadores, e se as experiencias que muito folgamos em anticipar, forem seguidas de resultados iguaes aos que o Sr. Colman ha referido, é mui provavel que as canas da planta do milho venhão a substituir entre nós as canninhas e canas de Cayenna, cuja cultura é mais difficil, e cuja crescença é muito mais vagarosa.

Utilidade da planta do Girasol.

Poucos talvez são os que conhecem todo o valor desta planta, tão facilmente cultivada, e que tanto serve para ornar os jardins e as hortas, e por isso lembra-nos apresentar a nossos leitores o que havemos colhido a este respeito.

As sementes do Girasol (Aclianthus Annuus) são optimas para a nutricção de todas as qualidades de criação, e basta cortar as cabeças que as contem em estando maduras, e pendural-as em feixes em lugar seco, para se hir servindo dellas quando for preciso. Não sómente servem para engordar a criação, mas até faz augmentar muito o numero de ovos. Tambem se extrahe destas sementes, pela imprensa, hum azeite mui puro e gostoso. Em algumas partes cultiva-se em escala grande para o sustento de porcos, e carneiros.

As folhas seccas servem para dar ao gado que as come avidamente.

As canas estando seccas queimão bem, e produzem huma abundancia do melhor alcali.

Quando a planta florece, as abelhas se deleitão em embeber o nectar das flores, o que em muito contribue a melhorar a qualidade do mel.

Finalmente, as fibras das canas são excellentes substitutos do linho canhamo para o fabrico de barbante etc.

(1) Geira de terra é composta de 3872 varas quadradas.

VARIEDADES.

O homem sem dinheiro

O homem sem dinheiro, é hum corpo sem alma, hum morto ambulante, hum espectro que mette medo. O seu andar é triste, a sua conversação fria e pesada. Se quer visitar alguem nunca o acha em casa, e se abre a boca para fallar interrompem-no a cada instante, afim de que não possa terminar hum discurso, que se recêa acabe pedindo algum dinheiro. Foge-se delle como de hum empestado, e é considerado como hum pêso inutil sobre a terra. Se tem talento, não o póde desenvolver, e se o não tem é olhado como hum terrivel monstro bipede, que a natureza produsio em alguma occasião em que estava de máu humor. Os seus inimigos dizem que não tem prestimo algum, e os mais moderados sobre este assumpto, começão, o seu elógio encolhendo os hombros. A necessidade o lacerda pela ma-

nhã , e a miseria o acompanha á noite para a cama. As mulheres achão que tem má figura ; os donos das casas em que elle está alojado querem que se sustente do ár como o camaleão; e os alfaiates que se vista como os nossos primeiros pais , com folhas de figueira. Se quer fazer alguma reflexão , não se lhe presta attenção , e se espirra , faz-se, que se não ouve. Se precisa alguma cousa de qualquer loja , pede-se-lhe primeiro a sua importancia , e se tem alguma divida , passa por caloteiro (*Pensamentos do Conde d'Oxenstiern.*)

O Marido discreto.

Nenhum Juiz de Paz haverá hoje que não saiba que nas questões sobre separação conjugal, como questões d'estado não póde haver transacção e por isso não pertencem ao seu juizo ; no principio , porem , não era assim : alguns se enganárão. A' audiencia de hum d'elles veio citada huma mulher , não d'aquellas que agora costumão chamar de idade equivoca; porem ainda em muito boa idade , de quem seu marido desejava desquitar-se , como dizia em seu requerimento , do qual porem não constava os motivos que tivesse para huma tal preferção.

O autor achava-se presente , e o juiz , que lhe custava attribuir a modestia da parte , a falta d'esta allegação indispensavel , achou que era do seu dever fazer algumas perguntas ao autor.

Juiz — sua mulher tem-se portado mal ?

Autor — Não sr.

Juiz — Sua mulher tem molestia contagiosa ?

Autor — Não sr.

Juiz — Então que tem que dizer contra sua mulher ?

Autor — Nada : eu cá me intendo ; é porque não posso viver com ella. Olhe , sr juiz , deixe-me contar-lhe o que me succedeo hum destes dias Mandei fazer huns sapatos ; disse que os queria á moda , folgados , e de bom cabedal ; trouxe-mos o mestre no dia convencionado ; provei-os , e disse-lhe que os levasse , que não estavão como eu queria ; tornou-me elle : — Freguez , que tem que dizer dos sapatos , não è bom o cabedal ? — E' — Não estão folgados — Estão — Não estão á moda como os queria ? — Sim. — Então que defeito lhe põe ? — Nenhum ; *mas eu cá é que sei onde me apertão.*

Como se ha de haver com as mulheres.

Com as mulheres , dizia hum cortezão , não sabe o homem como se ha de haver , porque , se as não ama , tem-no por nescio ; se as ama , por leviano ; se as deixa , por cobarde ; se as segue , por perdido ; se as serve , não o estimão ; se as não serve , o abborrecem ; se as quer , não o querem ; se as não quer , o perseguem ; se as frequenta , é mais que loucó ; se as não frequenta , é menos do que o homem.

PERGUNTA SINGULAR.

Hum escrivão , dirigindo huma carta a hum dos seus collegas , lhe dizia : Certo individuo muito insolente teve a ousadia de me chamar maroto : eu não quiz fazer bulha por esta vez ; mas logo fiz tenção de lhe perguntar o que Vm. ☞ *costuma praticar em casos taes.*

FRANQUESA DE HUM JUIZ.

Hum juiz recebeo de huma parte hum grande prato de prata , mas sentenciou contra ella. Queixando-se o sugeito , o juiz lhe respondeo : " Amigo , o vosso prato era excellente , porem a vossa demanda não presta para nada. "

O RATO ANACHORETA.

FABULA.

Os povos do Levante, em pias lendas,
Contão que hum rato detestando o mundo,
Buscára asylo sacro, onde, apartado
Dos laços que as paixões rebeldes forjão,
Em funda solidão passasse os dias.
Foi hum queijo de Hollanda o tal retiro,
E pio meditando alli vivia.
C'os pés tanto lidou e'os dentes tanto,
Que em roda forma extensa cavidade:
E assim no ermo seu dispõe, construe
Refeitorio e morada; e pouco é isto?
Ei-lo gordo e anafado em paz vivendo,
Pois Deos nunca faltou a quem o serve.
Acaso hum dia ao solitario santo
Chegão dos ratos deputados tristes,
Rogando humildes, com ferventes preces,
Esmola tenue, com que a fome horrenda
Podessem evitar. Elles lhe narrão
Que presurosos vão a estranhos climas
Auxilio procurar, com que levanteu
O duro cerco com que a gente-gata
Tinha apertado a capital Ratisca.
A partir sem dinheiro os constrangêrão;
Tanta do seu erario era a penuria!
Mui pouco exigem, certos que, em trez dias,
De alliada nação trarão soccorros.
Dizem; e o solitario lhes responde:
" As cousas deste mundo, amados filhos,
,, Já não resão de mim; e que soccorro
,, Póde dar-vos hum pobre anachoreta,
,, Mais do que supplicar em favor vosso
,, A protecção do Céo!.... Elle é piedoso,
,, Espero que em vós cuide; adeos, meus filhos "
Disse isto o santarrão, e as portas fecha.
Quem cuidais vós que eu retratei no rato?
Hum frade? Não; mas hum dervize, que hum frade,
Quanto a mim, sempre segue a caridade.

MAXIMAS MORAES.

— O trabalho é melhor remedio contra o enojo que os praseres.

Trublet.

— Os que se queixão do trabalho mostrão-se ingratos para com o seu melhor amigo. *Samuel Dubay.*

— A lei deve ser clara, precisa, uniforme; interpretal-a, é corrompel-a.

Napoleon.

— Nenhuma cousa deve ser taõ sagrada para os homens como as leis destinadas a fazel-os bons discretos e felizes. *Fenelon.*

— A lei deve ser como a morte, que a ninguem respeita.

Montesquieu.

CHARADA. (1)

Embora Cincinato a pobre herdade
Coberto de suor assim cultive;
Que se a patria infeliz seu nome invoca.
Acaba o agricultor o heroe revive. — 2.
N'um triz do coração subindo ao rosto,
Com terriveis signaes ... me pinto:
Out'rora a cinzas, reduzi Carthago,
A Troya incendiei, prostei Corintho, — 2;

Ornárão-me talvez mimosas tranças;
Vestirão-me talvez mimosas carnes;
Disperto em q... vê crueis lembranças..

A palavra do enigma do 1.° numero é — pulga.

(1) O todo forma tres syllabas.

O — Recreador Mineiro publica-se nos dias 1.° e 15 de todos os mezes.
A redacção desta folha occupará hum volume de 16 paginas em 4.° sendo alguns numeros acompanhados de nitidas estampas. O seu preço é de 6:000 rs. por anno, e 3:000 rs. por seis mezes nesta Cidade do Ouro-preto; e fóra della 7:000 rs. annuaes, e 3:500 rs por semestre, pagos adiantados, por isso que nesta quantia se inclue o porte do Correio. Cada numero avulso custará 400 rs., e 1:200 rs levando estampas; as quaes todavia não augmentaráõ o preço d'assignatura. Subscreve-se na Typographia Imparcial de Bernardo Xavier Pinto de Sousa, e em todas as casas d'agencia dos Correios da Provincia, podendo as pessoas de fóra, que desejarem subscrever, dirigir-se tambem por carta sobre semelhante objecto ao Director da Typographia mencionada.

Ouro-preto 1845. *Typ. Imparcial de B. X. Pinto de Sousa.* Rua da Gilô n. 9.